

O RENASCER VIANENSE

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA VIANENSE DE LETRAS

ANO VIII Nº 31 VIANA-MA, FEVEREIRO DE 2011



VIANA

253

ANOS

DE

MEMÓRIA

Editorial

COMEMORAÇÕES EM 2011

Duas importantes datas serão lembradas e comemoradas, em 2011, pela população vianense: o cinquentenário de fundação do Ginásio Professor Antônio Lopes e o centenário de nascimento de Dilú Mello.

O antigo Ginásio Professor Antônio Lopes, que hoje tem o nome de Centro de Ensino Dr. José Pereira Gomes, foi fundado em 1961, por iniciativa do Dr. José Pereira Gomes, então promotor de justiça da Comarca de Viana.

Por muitos anos, o Ginásio Professor Antônio Lopes, pertencente à Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, funcionou como verdadeira universidade da Baixada Maranhense, recebendo alunos de vários municípios, desde Monção, Pindaré-Mirim e Santa Inês até São João Batista.

A qualidade do ensino ali ministrado era a melhor possível para as circunstâncias daquela época, destacando-se professores que eram verdadeiros mestres nas matérias que lecionavam e pelas lições de vida que transmitiam aos alunos.

Pelo bem que fez à educação de Viana, pela sua história e pelo reconhecimento das gerações que passaram por suas salas de aulas, o cinquentenário do Ginásio Antônio Lopes merece ser festejado por toda a comunidade vianense.

A outra comemoração refere-se ao centenário de nascimento de Dilú Mello, compositora e cantora vianense, que muito contribuiu com a Música Popular Brasileira, e fez do acordeom o seu instrumento de afirmação.

Dilú Mello nasceu em Viana, no dia 25 de setembro de 1911, recebendo o nome de Maria de Lourdes Argollo. Posteriormente, a família mudou-se para o Rio de Janeiro, onde tornou-se famosa como compositora e intérprete da música popular, inclusive de cunho folclórico. Pela desenvoltura com que manjava uma sanfona, ficou conhecida como a Rainha do Acordeom, o que a tornou mais popular, principalmente quando cantava *Os dez mandamentos do sanfoneiro* e *Qual o valor da sanfona?*

O prestígio que Dilú Mello conquistou com dedicação e talento pessoal, tanto no Brasil como no exterior, deixou seu nome gravado na história da música popular brasileira.

Sua trajetória de sucesso é descrita com detalhes pelo seu biógrafo mais autorizado, o nosso confrade Luiz Alexandre Raposo, em seu livro "Dilú Mello, um expoente da música brasileira."

Esperamos que haja um reconhecimento público do simbolismo que representa homenagear Dilú Mello em seu centenário de nascimento. A data exige a elaboração de um calendário de comemorações com exposições de discos, trajés, todo o material disponível sobre essa artista que tanto dignificou o nome de Viana no palco nacional.

ANTIGA LOJA DE ZEZICO COSTA

LUIZ ALEXANDRE



Situado à Rua Coronel Campelo nº 425 (na famosa esquina do Seu Gegê), este prédio abrigou a loja de tecidos do Sr. Zezico Costa durante quase quatro décadas. A entrada da casa era pela lateral, atualmente ocupada pela "Luiza Boutique".

Até onde a memória alcança, aqui funcionou o correio por muitos anos, pois com a morte do telegrafista Amâncio Aquino, houve a separação do Correio e Telégrafo de Viana. O primeiro passou a funcionar neste prédio, sob a responsabilidade do músico Luís Fernandes, enquanto o segundo foi transferido para a residência do Sr. Urbano Pinto (avô de Dilú Mello) que ficava na Praça da Matriz, onde hoje existe o Hotel Vianense.

Posteriormente, após o falecimento do Luís Fernandes, o cargo de agente foi assumido por

Américo Fernandes, continuando assim o correio a funcionar no mesmo local. Tempos depois, com a nomeação do telegrafista Januário Sena, vindo de São Luís, o Correio e o Telégrafo foram novamente reunidos, passando a funcionar no casarão azulejado da Praça Duque de Caxias (onde residiu o Sr. Bibi Silva), até a construção de sua sede definitiva na Praça Ozimo de Carvalho.

Entre a mudança do correio e o ano de 1960, quando foi adquirido da família Fernandes pelo Sr. Zezico Costa, o imóvel teve destinação variada, servindo inclusive para abrigar a barbearia do cidadão conhecido como Manoel de Filho. Foram tantas as tentativas fracassadas de instalação de pontos comerciais aqui que o prédio não demoraria a ganhar a fama de "azarado".

Para acabar com o falso estigma, bastou a vontade de vencer do então jovem filho do comerciante Messias Costa, que deixava de trabalhar com o pai, no Caminho Grande, para montar seu próprio negócio no centro da cidade. Aos 32 anos, Zezico Costa não apenas montou aqui sua loja, a qual se tornaria uma das mais preferidas pela população vianense, como para cá se mudou com a família, onde residiu por longos anos.

Ainda pertencente à família Costa, o prédio é um dos poucos remanescentes do tempo que a cidade mantinha intacta sua fisionomia colonial. E mesmo com as adaptações sofridas, seus proprietários tiveram o louvável cuidado de não descaracterizá-lo, merecendo dessa forma o reconhecimento da AVL.

6º Baile de Fantasia

FOTOS: LUÍS ANTONIO



Mais uma edição do "Baile de Fantasia", realizado na sede do Grêmio Cultural Recreativo Vianense, animou os foliões vianenses na noite do sábado (dia 12/02).

A festa, que a cada ano vai se firmando mais como uma espécie de "abertura oficial" do período pré-carnavalesco da cidade, é aguardada com grande expectativa pelos amantes da folia momesca, inclusive pela colônia vianense de São Luís, que não perde a oportunidade para dar uma

esticadinha até o torrão natal e se divertir com os conterrâneos.

Neste ano de 2011, a 6ª edição do baile ficou marcada pela beleza e irreverência das fantasias coloridas que lotaram o Grêmio Cultural. Nem mesmo a forte chuva que caiu sobre Viana naquela noite conseguiu arrefecer os ânimos no salão, onde serpentinas e confetes completaram o clima dos bons carnavais de antigamente.

As fotos acima comprovam a beleza do evento.

DILÚ MELLO

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO

Um século atrás, Viana assistia ao nascimento daquela que seria sua filha mais ilustre.

Maria de Lourdes Argollo, mais tarde conhecida internacionalmente como Dilú Mello, chegou ao mundo na manhã do dia 25 de setembro de 1911. Primogênita do casal Nenê e Oscar Argollo, a menina nasceu na antiga casa do avô materno, Urbano Pinto, situada no mesmo local hoje ocupado pelo prédio do Hotel Vianense, na Praça da Matriz.

À futura artista iniciou os estudos de violino, aos cinco anos de idade, com o maestro Temístocles Lima (autor da melodia do Hino Vianense), passando depois a receber aulas do também maestro Miguel Dias. Levada pela mãe para assistir as missas dominicais, foi na Igreja Matriz que ela começou a exercitar a voz, demonstrando perfeita afinação nos cânticos religiosos desde pequenina.

Embora a família Argollo tenha se mudado para Porto Alegre (RS), quando Dilú tinha apenas nove anos, ela nunca esqueceu do chão que a viu nascer, pois durante todo o período de fama e sucesso, como cantora e compositora, soube divulgar o nome do Maranhão e de Viana pelos quatro cantos do país.



REPRODUÇÃO

Em tempos pré-carnavalescos, é interessante lembrar que Dilú Mello virou samba-enredo de duas escolas de samba de São Luís. A primeira a homenageá-la foi a Favela do Samba, do bairro Sacavém, no carnaval de 1983, com o enredo "Êta, Mulher Pai D'égua" (inspirado no musical homônimo da artista). Vinte anos depois, no carnaval de 2003, foi a vez da Mangueira do João Paulo desfilarem na avenida com o tema "Dilú Mello, Varanda em Festa".

Djalma Campos é tema de samba-enredo

No desfile do carnaval 2011, a Escola Flor do Samba, do bairro Desterro, em São Luís, contará na avenida a história do grande ídolo do Sampaio Corrêa, eleito por duas vezes vereador de São Luís, deputado estadual e prefeito de Viana, Djalma Campos, falecido em 2009.

A intimidade de Djalma Campos com a coletividade do Desterro vinha de longe, desde que ele se mudou para São Luís, ainda garoto, e passou a residir com a família naquele bairro. A paixão pelo esporte também era antiga. Foi nas peladas jogadas ainda no povoado vianense de Bom Jesus, onde nasceu, passando pelos campinhos às margens do rio Bacanga, na Areíinha, que o futuro atacante aperfeiçoou seu futebol. Já adulto e como profissional atuou em dois dos grandes clubes da capital: Moto Clube e Sampaio Corrêa.

Segundo a crítica especializada, seu melhor momento aconteceu no ano de 1972, quando venceu o Campeonato Brasileiro da Segunda Divisão ao derrotar o Campinense com a camisa do Sampaio Corrêa, no antigo



REPRODUÇÃO

estádio Nhozinho Santos.

Através do amigo e ex-prefeito de Viana, Walber Duailibe, Djalma Campos lançou-se candidato e venceu as eleições para o comando da prefeitura de sua cidade natal em 1988.

Djalma faleceu aos 62 anos, em São Luís, vítima de infarto fulminante, no dia 6 de agosto de 2009. A Câmara Municipal de Viana prestou homenagem póstuma ao ex-craque e ex-prefeito, rebatizando com o seu nome o estádio local de futebol.

Carta recebida

Viana, 6 de dezembro de 2010

Senhor Presidente,

Congratulo-me com a Academia Vianense de Letras pela merecida homenagem, prestada recentemente, ao nosso conterrâneo e artista plástico Botêlho.

Há tempos que o trabalho desse pintor me despertava atenção pela técnica e beleza das imagens reproduzidas em suas telas. Botêlho é realmente um nome que honra nossa cidade e muito nos orgulha pelo seu talento.

Oportuna e válida, portanto, a iniciativa de agraciá-lo com a placa de "Honra ao Mérito Vianense". É mais importante ainda pela oportunidade criada para divulgação do nome desse artista entre as novas gerações de vianenses que aqui residem e também entre aqueles mais antigos, espalhados pelo Brasil, que não tinham conhecimento desse nosso conterrâneo famoso.

Saudações,

Geraldo Costa

Presidente do Comitê de Defesa do Patrimônio Histórico de Viana

Mais um carnaval sem "Cheiro"

Lourival Serejo

O carnaval vianense sempre foi marcado pela presença de tipos peculiares que contribuíram, de vários modos, para o engrandecimento da maior festa popular do país.

Se no passado tivemos esses tipos que hoje recordamos, no presente, outros modelos surgem e são aplaudidos pela nova geração. É a renovação constante das coisas e dos hábitos.

Destaco aqui a lembrança de Nezinho Soares, Prisco, Meleiro e Cheiro, dedicando atenção especial a este último, que se foi para as alturas mais recentemente. Cada um a seu modo era um folião indispensável num bloco ou em qualquer desfile que surgisse espontaneamente naqueles dias de festa.

Sobre Nezinho Soares já escrevi uma crônica neste jornal, na qual recordei sua atuação como Rei Momo do nosso

carnaval, animando os salões dos bailes e alegrando os seus súditos.

Prisco foi uma lenda que animou com exuberância e riqueza os carnavais vianenses. Sobre ele, ainda pretendo escrever algo com mais profundidade, para tentar decifrar esse folião que movimentava pelo dinheiro da sua fortuna os carnavais, não só de Viana como de outros lugares. Conta-se, inclusive, que até no carnaval de Recife ele atuou.

Meleiro era um tipo popular, também explorado em minhas memórias (Do alto da Matriz), que cantava e bebia, bebia e brincava vestido de mulher e gestos de artista, nos dias de carnaval. Fora desse período, no São João, ele reinava nas toadas. Não havia um bom carnaval em Viana sem os trejeitos de Meleiro, com sua sombrinha, sua saia e sua voz rouquenha.

Depois de Meleiro, veio o seu filho, o Brás, que ninguém o conhecia pelo nome, mas pelo apelido de Cheiro. Não sei por que esse apelido e a qual cheiro

se referia, pois nem cheiroso ele era, a não ser que fosse o odor da cachaça, sua companheira inseparável.

Cheiro herdou de Meleiro a vocação de apresentar-se nos carnavais vestido de mulher, com trajas provocantes e os trejeitos que contrastavam com sua masculinidade e o físico raquítico. Nesse contraste, talvez é que residia a graça da sua apresentação.

Depois da sua morte, já se vão dois carnavais sem a apresentação de Cheiro e sua peruca, seus brincos, seu batom vermelho sob o bigode preto, a bolsa e a sombrinha, a mesma sombrinha de Meleiro.

Desconfio que Cheiro chegou no céu vestido de Santa Ifigênia, e ali tentou enganar São Pedro que, com certeza, o recebeu de braços abertos, com a mesma gentileza com que recebeu a Irene de Manuel Bandeira:

– Entra Cheiro, você não precisa se disfarçar. Eu te conheço, carnaval!

Exposição de artesanato vianense

CARLOS ALEXANDRE



LUIZ ALEXANDRE



Em exposição na Casa de Cultura de Viana, desde dezembro último, uma mostra do artesanato local retratando motivos natalinos, bonecas e tipos característicos de nossa região. As peças confeccionadas com cabaças, sementes, tecidos, palha de milho e tucum, entre outras matérias-primas, são obras da artista plástica Cinira Moraes Sodré.

Segundo a expositora, os diversos materiais utilizados são acessíveis e fáceis de manuseio. A palha de milho, por exemplo, é uma excelente matéria-prima para o artesanato, pois é fácil de trabalhar e possibilita a produção de uma ampla variedade de objetos, desde que o artesão tenha um pouco de criatividade.

No ramo há muitos anos, Cinira faz uso de várias técnicas na confecção das peças de artesanato. Em seu currículo constam cursos pelo Sebrae e SENAR. Também já ministrou diversas oficinas em Viana.

O RENASCER VIANENSE



Diretor/Redator: Luiz Alexandre Rapôso
(Reg. 0000821-MA)
e-mail: luiz.raposo@uol.com.br
Endereço: Rua Antônio Lopes, 459, Viana - MA CEP: 65.215-000

Casa da Cultura tem prévia inauguração

GERALDO COSTA

Mesmo sem a restauração do prédio concluída e ainda sem contar com toda a infraestrutura necessária ao pleno funcionamento, a Casa da Cultura de Viana teve sua prévia inauguração na manhã do dia 19 de novembro de 2010.

A cerimônia simbólica, ocorrida logo após a assinatura do Convênio entre a Prefeitura de Viana e a Secretaria de Estado da Cultura (SECMA), foi presidida pela Secretária Ajunta da Cultura, Marlilde Mendonça, que se fez acompanhar da equipe técnica do Departamento do Patrimônio Histórico (DPH). Entre os presentes destacavam-se a Secretária de Educação do Município, Adriana Guimarães, o vereador Sílvio César, o Presidente do Comitê de Defesa do Patrimônio Histórico de Viana, Geraldo Costa, a Irmã Maria Cristina Rodriguez, alguns professores e vários membros da Academia Vianense de Letras.

Realçando a importância daquele investimento para uma cidade de tão ricas tradições culturais como Viana, Marlilde enfatizou que aquela casa se destinava à promoção e di-



A Secretária Ajunta da Cultura, Marlilde Mendonça, o artista plástico Botêlho, Felipe Ângelo e o diretor do DPH, Fred Lago Burnett, ouvem o presidente da AVL, Luiz Alexandre Raposo, durante a inauguração da Casa de Cultura

vulgação da cultura vianense, assim como incentivar e apoiar o trabalho de preservação do patrimônio histórico e arquitetônico local.

O presidente da AVL, Luiz Alexandre Raposo, destacou a oportuna e feliz iniciativa da SECMA, lembrando que Viana há muito se ressentia da falta de um espaço próprio como aquele, onde os artistas locais pudessem expor seus trabalhos, e que pudesse abrigar igualmente um pequeno museu da cidade. Falaram ainda o diretor

do DPH, Frederico Lago Burnett, o representante do prefeito municipal, Felipe Ângelo, o artista plástico Botêlho, o acadêmico José Antonio Castro, o pesquisador José Raimundo Santos e a Irmã Maria Cristina Rodriguez. Todos enaltecem a iniciativa da fundação da Casa da Cultura e expuseram suas expectativas e esperanças sobre o novo empreendimento.

A partir daquele momento, a Casa da Cultura de Viana abriu suas portas ao público com uma exposição que reuniu cerca de

25 quadros, sendo 11 do pintor Botêlho (que pela primeira vez mostrava seu trabalho na terra natal) e o restante de autoria dos artistas plásticos locais, todos alunos ou ex-alunos da Escola Padre Felice Prinetti.

No dia seguinte (sábado), Botêlho ministrou uma Oficina aos jovens talentos vianenses, oportunidade em que o renomado pintor mostrou aos colegas conterrâneos alguns artifícios que envolvem a técnica de representação visual através das cores.

FOTOS: LUIZ ALEXANDRE



Marlilde Mendonça, irmã Maria Cristina e Botêlho ao lado dos jovens artistas vianenses



Botêlho, irmã Maria Cristina, Vitória Santos, José Antonio Castro e Graça Cutrim



Dois momentos da oficina ministrada por Botêlho aos artistas da terra



FOTOS: LUIZ ALEXANDRE



QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU

Apesar de incluídas no Decreto de 2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, elas ainda lutam em defesa do direito do uso do babaçu e da preservação dos babaçuais

Luiz Alexandre Raposo

No início do século XX, embora abastecida pela pecuária, a economia vianense apresentava nítidos sinais de decadência. Após o ciclo áureo do algodão, as terras altas, exauridas pelas queimadas por décadas consecutivas, já não produziam o arroz em quantidade satisfatória, enquanto os poucos engenhos de açúcar em atividade geravam modestos lucros a seus proprietários.

Foi nesse cenário que o coco babaçu, a partir do óleo extraído de suas amêndoas, surgiu como promessa de um novo reaquecimento econômico não somente para Viana como, inclusive, para todo o Maranhão.

Fruto de uma palmeira nativa e abundante em quase todo o território maranhense, o coco babaçu precisava ter a dura casca removida, a fim de que suas amêndoas pudessem ser extraídas. É nesse momento histórico que a mão-de-obra feminina passa a ser utilizada em grande escala, no Maranhão, como base e sustentáculo de uma nova fronteira econômica. Surge, então, a frente das quebradeiras de coco babaçu, constituída principalmente por mulheres da zona rural.

Durante várias décadas, barcos, vapores e lanchas partiram de Viana, abarrotados de sacas de amêndoas para serem comercializadas e exportadas via São Luís. Era o fruto do trabalho artesanal dessas mulheres, que empregavam quase todo o dia na coleta e extração da matéria prima de uma indústria em ascensão.

O falecido empresário José

Mendes Pinheiro dizia que a exportação do babaçu alavancou os seus negócios, impulsionando-o a adquirir um caminhão (o famoso Fargo) e uma lancha, além de financiar a abertura da estrada que ligava a sede do município ao povoado de Três Palmeiras. Segundo ele, o calor e a lentidão dos barcos, que demoravam até oito dias para chegar a São Luís, provocavam o ressecamento e a quebra das amêndoas, diminuindo assim o seu valor no mercado. Com a construção da estrada e aquisições do caminhão e da lancha, o fluxo comercial do babaçu em Viana ganhou em rapidez e lhe proporcionou melhores lucros.

Fonte de inspiração – Nas primeiras décadas do século passado, a empolgação com o babaçu era tanta que até Dilú Mello, ao gravar seu primeiro disco pela extinta Gravadora Colúmbia de São Paulo, em 1938, incluiu a composição de sua autoria “Coco Babaçu”, cuja letra diz: “Coco babaçu, quebra coco, coco babaçu/ Oi, que rola no chão lá do Maranhão/Babaçu no estrangeiro é óleo do Maranhão/ É produto brasileiro e orgulho da nação...”

A música não emplacou sucesso nas rádios da época, mas entrou para a história como o primeiro registro fonográfico de uma composição que exalta o Maranhão.

O tempo passou e, embora o sonho capitalista maranhense com o extrativismo vegetal não tenha se concretizado da forma e intensidade imaginadas por muitos, a amêndoa do babaçu continuou sendo requisitada

DIVULGAÇÃO



Dilú Mello quando gravou a música Coco Babaçu em 1938

principalmente pela indústria oleaginosa. Foi assim que o ofício, hoje secular, de quebrar coco inseriu-se na cultura maranhense de tal modo que a figura da mulher, sentada embaixo de uma palmeira com um porrete na mão e um machado entre as pernas, transformou-se numa imagem natural e poética nas telas pintadas por artistas plásticos. Era como se ela fizesse parte da natureza à sua volta.

Vida nada poética – Exploradas e pouco valorizadas, as quebradeiras enfrentam diariamente uma jornada dura e penosa na coleta e quebra dos cocos. O esforço repetitivo da tarefa é exaustivo, além de extremamente perigoso pela utilização, ainda hoje, de técnicas primitivas que envolvem um machado afiado e um porrete de pau para extração da amêndoa. Nesse árduo labor

diário, não são raros os casos de amputação de dedos.

Em um dia de trabalho, uma boa quebradeira produz, em média, de seis a oito quilos de amêndoas, o que lhe dá uma magra renda diária de R\$6,00 a R\$8,00 (o valor atual pago por quilo de amêndoas é de apenas um real). E como se não bastasse o trabalho exaustivo e mal pago, a coleta dos cocos, fácil e abundante no passado pelas imensas áreas de babaçuais existentes, torna-se cada vez mais difícil pela escassez da palmeira nativa, vítima constante de queimadas e derrubadas para criação de pastos e produção de carvão.

Guerra aos babaçuais – Dados da série histórica de produção de babaçu do IBGE indicam que o volume do produto caiu nos últimos 17 anos. Em 1990, quando o IBGE iniciou a contabilização sistemática, o país produziu 188,7 mil toneladas de amêndoas, quantidade esta que foi decaindo gradativamente até 2006, último ano contabilizado, quando chegou a 117,1 mil toneladas.

Tal redução é consequência direta da diminuição das áreas de palmeiras de babaçu, segundo pesquisa publicada com o título de Guerra Ecológica nos Babaçuais (coordenada pelo professor da Universidade Federal do Amazonas Alfredo Wagner de Almeida). A pesquisa aponta a expansão da pecuária, da soja e do corte de madeira de segunda linha como responsáveis, principalmente nos últimos 20 anos, pela derrubada acelerada dos babaçuais da Amazônia Legal.

Para se ter uma ideia da in-

sana destruição, somente no Maranhão, 40% dos babaçuais originais foram extintos até 2004 (cerca de 4 milhões de hectares), em que pese a criação da Lei nº 4.734/1986 (posteriormente alterada pela Lei nº 7.824/2003) que proíbe a derrubada da palmeira em todo o território maranhense.

Figura materna – A palmeira do babaçu, apesar de ter aqui sua maior ocorrência, não é privilégio exclusivo do Maranhão, pois é encontrada também no sul do Pará, norte do Tocantins e oeste do Piauí.

As quebradeiras de coco costumam comparar simbolicamente o ciclo reprodutivo da palmeira com o da mulher, pois a palmeira leva cerca de 12 anos para iniciar a produção, mais ou menos o mesmo tempo para uma adolescente se tornar apta à reprodução. E como a gestação feminina, também é de nove meses o período de maturação do primeiro cacho de babaçu de uma palmeira.

Para o povo simples da zona rural, a preservação da palmeira nativa é questão básica de sobrevivência já que dela retiram grande parte de seu sustento. As folhas, que podem medir até oito metros, são largamente utilizadas para cobertura de casas e produção de artesanato. O óleo de babaçu, principal produto comercial do coco, é utilizado na fabricação de azeite, sabão e sabonete, além de muito requisitado pela indústria de cosméticos. E ainda tem o carvão, produzido com a casca do coco, que serve para o consumo familiar e também rende alguns trocados nas feiras populares.

Por todos esses motivos é que as quebradeiras consideram a palmeira de babaçu como uma mãe, aquela que provém e ajuda nas horas de necessidade.

Babaçu livre – A partir da década de 80, com o avanço da pecuária e devastação dos babaçuais, as quebradeiras tradicionais organizaram-se e criaram o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), o qual reúne extrativistas do Maranhão, Tocantins, Pará e Piauí. O movimento (que possui três regionais em solo maranhense: Imperatriz, Pedreiras e Viana) luta pela valorização e melhores condições de trabalho, além do direito de acesso às áreas de babaçuais, que haviam sido cercadas e



Rosenilde Gregório na comunidade de Itaqueritua

FOTOS: ARIANA GOMES SILVA/LUIZ ALEXANDRE



Extração do azeite do babaçu em Itaqueritua (Viana)



Fabricação de sabonetes no Bairro Novo (Penalva)



Cercas dificultam o acesso aos frutos da palmeira nativa

apropriadas injustamente por fazendeiros, pecuaristas e empresas agropecuárias.

A luta pelo acesso livre aos babaçuais ou pelo babaçu livre, palavra de ordem utilizada pelo MIQCB, está intimamente ligada à defesa e preservação dos babaçuais, adquirindo assim o apoio dos ambientalistas. No Maranhão, desde que o potencial calorífico do carvão vegetal, produzido a partir do coco inteiro ou de sua casca, foi percebido pelos pecuaristas que a situação se complicou, especialmente para as comunidades extrativistas da Regional de Imperatriz, em virtude da grande demanda energética local das indústrias siderúrgicas de produção de ferro-gusa (abastecido pelo minério de Carajás).

A nova realidade imposta naquela região indica que, se por um lado, a valorização do carvão obtido do coco pode diminuir a devastação dos babaçuais, por outro lado restringe ainda mais o acesso das quebradeiras ao produto. A coordenação do MIQCB reclama que a demanda das siderúrgicas começou também a modificar a atividade extrativista, transformando as quebradeiras em meras "catadeiras", ou seja, elas simplesmente fazem a coleta do coco inteiro para fazendeiros, guseiras ou carvoarias em troca de remuneração miserável, que não lhes proporciona a renda necessária para a manutenção da família e ainda as priva dos subprodutos do babaçu.

Realidade local – A regional de Viana agrega quebradeiras de toda a Baixada, mas com especial participação dos municípios de Cajari, Matinha e Penalva. As comunidades de Itaqueritua (Viana) e Bom Jesus (Matinha), por exemplo, fabricam o azeite de babaçu, enquanto no Bairro Novo (Penalva), depois de dominarem a fabricação do sabonete, as quebradeiras já planejam a exportação do óleo para a indústria cosmética.

Em Cajari, a comunidade quilombola de Comaputua faz o beneficiamento do mesocarpo do babaçu para produção de farinha e, em Monção, o pessoal da Boca da Mata, além do azeite, fabrica também biscoitos do mesocarpo. Enfim, são milhares de mulheres extrativistas, cujo trabalho e renda dependem do babaçu.

Do mesmo modo que as companheiras da regional de Imperatriz, as quebradeiras da Baixada enfrentam conflitos diários com os fazendeiros e agropecuaristas: "Eles dizem que não se importam da gente recolher cocos em suas terras, mas isolam suas propriedades com cercas elétricas ou então deixam búfalos brabos soltos pra botar as mulheres pra correr", reclamam elas.

A quebradeira Rosenilde Gregório Santos Costa, mãe de três filhos, e atual Secretária Municipal do Meio Ambiente de Viana, alerta para o perigo que as cercas elétricas representam em áreas de campos alagáveis, principalmente no período chuvoso: "São vários os casos de choques sofridos por mulheres e até crianças. Felizmente ainda não aconteceu nenhum caso de morte. Mas isso pode acontecer a qualquer momento", denuncia.

Na ausência de siderúrgicas na Baixada, as fábricas de cerâmica acarretam o mesmo problema que aquelas para a atividade extrativista local. Atualmente é grande a preferência pelo coco inteiro para produção do carvão utilizado nos fornos das olarias. Isso se deve em parte à escassez da lenha, mas também pelo maior poder de combustão que o coco com as amêndoas representa, em comparação com o carvão obtido somente de suas cascas. "Os ceramistas alegam que compram somente cocos velhos. Só que não importa se o coco é velho ou novo para as quebradeiras, pois tanto um como o outro fornece de quatro a cinco amêndoas. Com a dificuldade de acesso e a diminuição dos babaçuais, cada coco faz falta na renda diária delas", rebate a Secretária do Meio Ambiente de Viana.

Foi-se o tempo, portanto, que o coco babaçu "rolava pelo chão lá no Maranhão", como dizia a música de Dilú Mello. Hoje a realidade é bem outra. O babaçu, antes livre e abundante, agora é escasso e tornou-se propriedade particular. Vive preso. Mas as quebradeiras tradicionais não desistem e vão à luta. E como classe organizada, ao mesmo tempo que reivindicam seus direitos, passam a sentir orgulho da profissão, conquistando a dignidade que lhes é devida.

Inventando Pecados

Têca Raposo Greathouse

Nascidas e educadas no seio de família cristã e católica, a maioria de nós, crianças vianenses das décadas de 1950 e 1960, éramos muito cedo preparadas para assumir um compromisso de fé. Como acontecia na maior parte do Brasil, tudo começava com o batismo. Os pais escolhiam os padrinhos, o traje do bebê para a ocasião e comemoravam o evento, quase sempre constituído de uma pequena recepção na casa da família, regada a chocolate de castanha de caju, acompanhado de bolo de tapioca.

A partir dos seis anos, éramos incentivados a frequentar as aulas semanais de catecismo na Escola Paroquial e a “assistir” à missa aos domingos, ainda celebrada em latim. Com o passar do tempo, começávamos a ouvir sobre a preparação de que necessitávamos para fazer a 1ª comunhão. Era um entusiasmo total da meninada que a partir daquele momento efetivamente participava desse processo.

As aulas de catecismo se intensificavam, e nossa participação requeria muito mais responsabilidade e aprendizagem. Era preciso aprender a rezar o terço sem titubear, o que significava decorar o Pai Nosso, ter o Creio em Deus Pai na

ponta da língua e declarar a Salve Rainha sem pestanejar. Sem essas habilidades básicas não éramos considerados aptos a fazer a 1ª Comunhão. Obviamente isso nos deixava nervosos e preocupados. Já pensou ser “reprovado” e consequentemente ser impedido de fazer a 1ª Comunhão com todos os amigos de sua idade? Nem pensar!

Lembro-me de minha irmã Conceição vivenciando tal experiência. Aos seis anos, precocemente ela se preparava para o grande feito. Não faltava às aulas de catecismo e rezava o terço com quase total destreza. Mas tinha um probleminha: sempre “engasgava” na hora de recitar a oração Salve Rainha. Assim, com a aproximação da data da 1ª Comunhão de sua turma, Conceição se esforçava sobremaneira para memorizar a oração e frequentemente era vista recitando-a repetidamente. Mas o problema persistia. E Conceição, vendo aproximar-se a



data do esperado acontecimento, ficava cada vez mais ansiosa. Foi assim que no meio de certa noite, quase às vésperas do grande dia, Conceição, “sonambulamente”, sentou-se na beira da rede em que dormia e nos acordou recitando, pela primeira vez sem engasgar, a poderosa oração. O feito a qualificou e ali estava ela, dias depois, com sua turma, solenemente fazendo a 1ª Comunhão.

Minha experiência pessoal nesse processo foi um pouco mais tranquila e sem quase nada que mereça registro. Entretanto, recordo-me da ansiedade que toda criança sofria antes de fazer a tão exigida confissão de seus pecados. Sim, porque não podíamos comungar sem antes nos ajoelharos diante do padre, confessarmos os pecados e depois cumprir a penitência que ele determinava. Só assim seríamos perdoados. E para confessarmos e ser perdoados, antes tínhamos obviamente que “pe-

car”. Mas que pecados poderiam cometer crianças vivendo em lares tranquilos, cuidados e vigiados por uma comunidade que lhes conhecia pelo nome e sobrenome e usufruindo, por dádivas de Deus, de uma exuberante natureza?

É, mas tínhamos que confessar nossos pecados. Só tinha uma solução: inventá-los! Isso mesmo. Muitas vezes sentávamos em rodinhas de amigos para inventar e combinar os pecados que confessaríamos. E tinha que ser combinado sim, caso contrário corríamos o risco de cometermos “pecados coletivos”. Combinávamos confessar coisas graves do tipo: “desobedecei minha mãe”, “briguei com meu irmão”, “escondi o lápis de minha colega na escola”. Ou até mesmo pecados muito mais graves como “peguei manga no quintal de D. Bibi Balby” ou “escondi os ovos dos ninhos de catraios da D. Dinoráh, lá na baixa do Seu João Carvalho”. Assim, enquanto durou nossa infância em Viana, aconteceram muitas e muitas penitências para obtermos perdão de “tão graves pecados”!

O tempo passou e quando olho para trás, não consigo deixar de exclamar em pensamento, lembrando dessa nossa geração: Oxalá tivéssemos, ainda hoje, somente esses mesmos “graves pecados” para confessar!

KALIL MOHANA

O viajero da educação

Carlos Gaspar

Em Viana nascemos, mas não tivemos o privilégio de gozar, em seqüência ininterrupta, as delícias da mais formosa dentre as cidades da Baixada Maranhense. A diferença de idade entre nós dois, ainda meninos – quatro anos, suponho – colocou-nos em planos de vida diferentes. Enquanto Kalil partiu para São Paulo, em companhia dos seus pais, e retornou para São Luís logo a seguir, eu ainda mais criança, permaneci em Viana, até quando meus pais decidiram, da mesma maneira, viver nesta capital.

Já adultos, superado o obstáculo etário, iniciamos uma relação bem chegada e em níveis correspondentes. Assim, eu e Kalil, ora mais próximos, ora mais distantes, atravessamos em comum várias parcelas de nossas vidas. Os vínculos familiares, advindos do casamento de sua irmã Laura com o meu tio José Pinheiro, contribuíram na formação e no fortalecimento da nossa amizade.

A primeira fase intensa do nosso contato deu-se na década de cinquenta, do século passado. É que ele, trabalhando com o pai, seu Miguel Abraão, e eu também com o meu, Armando Gaspar, encontrávamo-nos quase todas as noites na Praça João Lisboa, então ponto de convergência de cidadãos importantes desta São Luís, e não menos de rapazes idealistas que acerca de tudo discutiam. Nessas oportunidades conversávamos sobre nossos afazeres, engatinhando que estávamos no enredado universo empresarial.

Logo a seguir tive o privilégio de

me achar mais próximo de Kalil, ao estudarmos na Faculdade de Filosofia, para graduarmos-nos em História e Geografia, como de fato aconteceu. Ele um período à minha frente, particularidade que não impediu o retorno a que voltássemos a trocar idéias, com bastante freqüência, acrescentadas pelas disciplinas do nosso curso, de igual modo dos ilustres professores que nos transmitiam seus sábios conhecimentos. Nossa amizade, em definitivo, estava fortalecida para sempre.

Com diplomas em mãos, seguimos os nossos rumos diferentes. Sem dúvida, no exercício do magistério, o meu amigo foi bastante coerente. Decidiu exercer sua instrução universitária iniciando pelo contato com os jovens que cursavam o primeiro e o segundo graus. Adquiriu e transmitiu experiências, que o notabilizaram como educador. Um educador distinto, pois fugia à regra geral aplicada pelos seus colegas.

A seguir assumiu a cátedra de sua competência em escola de nível superior. Nela chegou repleto de conhecimentos práticos, adquiridos ao longo do percurso que inicialmente abraçara. Adotou método sui generis, com a finalidade objetiva de proporcionar à plêiade de jovens sob sua responsabilidade o conceito do tema que abordava, assim como oferecer-lhes uma visão de mundo, diferente, portanto, da prática rotineira usada pelos seus colegas educadores.

O método de ensino que abraçou tornou-o famoso e respeitado como mestre, sem falar da pessoa singular que sempre foi, em especial no trato diário com quem o cercava. Sabia fazer amigos e motivá-los na colabo-

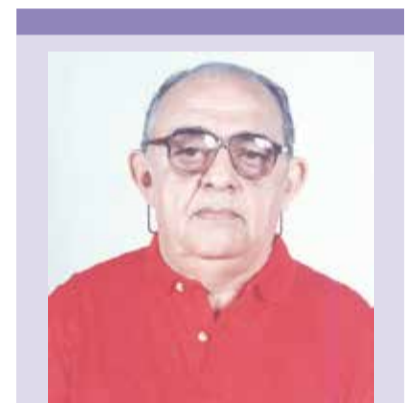
ração do seu projeto de preparar a juventude de hoje para se transformar no cidadão experimentado e exemplar do amanhã.

O processo de que se valeu Kalil visava primeiro o ver, o sentir, o apalpar aquilo que punha em estudo. Na sua concepção, por exemplo, só conhecendo, in loco, o Rio Negro. E logo organizava uma viagem de estudo, com os alunos o seguindo, e durante o percurso aproveitava para aprofundar o saber dos seus acompanhantes explicando a existência e o significado de outros acidentes geográficos ou monumentos históricos com que se deparassem. Jamais alguém esqueceria do que aprendera. Estão aí as gerações de que cuidou a agradecer-lhe pela maneira leve, ampla e profunda de que se valeu o mestre para transmitir-lhe conhecimento, educação cívica e cultura geral.

O livro Viajando e Educando, de autoria do nosso Kalil Mohana, é apenas uma pequena mostra do professor que arrebanhou seus discípulos para mostrar-lhes pessoas e coisas, em seus princípios e em seus significados no contexto humano, histórico e geográfico deste planeta em que vivemos.

Por último, para completar a sua jornada, integrou, a partir de sua fundação, a nossa Academia de Letras, sem faltar a uma sessão e sempre repassando informações valiosas com que atualizava nossa cultura. Dele, de Kalil, sentimos falta.

Seguiu, pois, o meu e nosso inesquecível amigo, agora em outra viagem, a viagem eterna, porém recompensado porque soube distribuir, com humildade, a quantos dele se achegaram, a riqueza que possuía.



★ 10/11/1935 † 24/12/2010

Após 75 anos bem vividos, findou-se a missão do mestre vianense **Kalil Mohana**. Era véspera de Natal, quando ele encerrou sua trajetória terrestre, deixando saudades e boas lembranças em todos aqueles que cruzaram seu caminho.

Vocacionado para o magistério, Kalil sabia fazer uso de sua brilhante oratória para estimular a sabedoria e o crescimento intelectual das centenas de alunos que passaram por suas mãos. Criou a tradição das viagens educativas para os bacharelados da UEMA, conduzindo seguidas turmas em visitas à Hidrelétrica de Tucuruí, Usina Nuclear de Angra dos Reis, foz do rio Amazonas e outros pontos de interesse científico ou histórico. A experiência original lhe inspirou a escrever o livro *Viajando e Educando* – *As Grandes Viagens*, lançado em 1998.

Bacharel em Geografia e História, Kalil Mohana era titular da Cadeira nº 8 da AVL, cujo patrono era o próprio irmão, padre João Mohana. Aposentado desde 1997, depois de 37 anos de relevantes serviços prestados à educação maranhense, o professor Kalil costumava dizer que “o educador se imortaliza em cada homem que educa, pois se eterniza em cada coração que ajuda a formar”.

UM ACADÊMICO, UM PATRONO

MARIA DA GRAÇA MENDONÇA CUTRIM

Uma história de lutas e superações

Luiz Alexandre Raposo

Sétima filha do casal Firmino Andrade Cutrim e Senhora das Dores Mendonça Cutrim, Maria da Graça Mendonça Cutrim nasceu na manhã do dia 23 de outubro de 1951, sob os cuidados da parteira Mãe Umbelina. O parto normal realizou-se na casa onde sua família residia, situada na extinta Praça de São Sebastião.

Depois de seis filhos, todos do sexo masculino, o nascimento da primeira filha naturalmente se tornou motivo de grande regozijo para a família Mendonça Cutrim. Numa época em que a população vianense vivia sob forte influência católica, o nascimento de uma criança do sexo feminino, tão ansiosamente desejado pelo casal, seria interpretado como uma autêntica graça divina. Assim, estimulados pela vizinha Etelvina Nogueira Piedade (esposa de Seu Gêgê), os pais decidiram batizar a menina com o nome de "Maria da Graça", convidando para servirem de padrinhos o então deputado e jornalista Travassos Furtado (futuro patrono da AVL) e sua esposa, Maria da Conceição Furtado.

Gracinha, como passou a ser chamada por todos, cresceu saudável e feliz entre os irmãos, numa Viana bem diferente dos tempos atuais. Alfabetizada pela professora leiga Maria de Jesus Salgado, ingressou no antigo Grupo Escolar São Sebastião (que funcionava no turno vespertino, no mesmo prédio do Estevam Carvalho), onde seria aluna de professoras conceituadas do magistério local como Maria Antonia Gomes, Santoca Gomes e Maria de Jesus Piedade

Rodrigues.

Criada num ambiente de rica e diversificada cultura, a jovem adolescente participou de montagens dos antigos autos de Natal, conhecidos como "Pastorais" (dirigidos por Evangelina Soeiro e Zidorinha Campelo), enquanto acompanhava o ingresso dos irmãos na profissão musical. Desse modo, sob acordes de clarinetes, trompetes e saxofones, Gracinha costumava passar horas transcrevendo versos do baile de São Gonçalo em folhas de papel almaço, a pedido do pai, um dos mais conceituados guias desse tradicional festejo do folclore vianense.

Em meio às diversões como os banhos no Porto da Cadeia e pescarias no lago, Gracinha não se descuidava dos estudos. Aluna dedicada e perseverante, desde criança acalentava o propósito de continuar os estudos até alcançar a realização profissional, embora para isso não contasse com o total incentivo materno. É que D. Senhorinha, ciente das dificuldades próprias daquele tempo para quem desejasse cursar uma faculdade, não encorajava muito as pretensões ousadas da filha.

Depois de concluir o antigo primário e ser aprovada no exame de admissão, Graça ingressou no Ginásio



Professor Antônio Lopes no ano letivo de 1965, concluindo o curso no final de 1968. No ano seguinte mudou-se para a capital, tornando-se aluna do extinto Colégio Ateneu Teixeira Mendes, onde fez o 1º e 2º ano. Em 1971, concluiu o 2º grau no Colégio São Luís.

Em julho de 1973 prestou vestibular e foi aprovada em Matemática Bacharelado, curso interrompido por várias vezes para trabalhar em Viana. Nessas ocasiões, Graça lecionou as disciplinas Ciências Naturais e Matemática no Ginásio Bandeirante e Física e Matemática na Escola Normal, acabando por tornar-se diretora desta última em 1976.

Com tantas interrupções, o curso de Matemática pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) somente foi concluído em julho de 1979.

Um ano depois submeteu-se a novo vestibular para Ciências Contábeis também na UFMA, curso interrompido no 5º período, quando finalmente logrou aprovação para Agronomia na Universidade Estadual do Maranhão, sonho almejado desde o 2º grau. Neste ínterim, em fevereiro de 1983, contraiu matrimônio com José Ventura Matos Furtado, em cerimônia religiosa realizada na capela do Seminário São

José desta cidade.

Em setembro de 1987, graduou-se como Engenheira Agrônoma. Sempre voltada ao magistério, por exigência legal das reformas do ensino, licenciou-se também em Pedagogia, dois anos depois, pela mesma UEMA. Um pouco antes, havia se licenciado em Disciplinas Profissionalizantes.

Uma vez assumida a carreira do magistério, os cursos de especialização não pararam por aí. Em agosto de 2002 fez pós-graduação em Metodologia da Educação Superior pela UEMA e, em abril de 2006, concluiu outra pós-graduação, desta feita em Orientação Educacional, Supervisão e Gestão Escolar pelo CAPEM (Centro de Avaliação, Planejamento e Educação do Maranhão).

Eleita como segunda vereadora mais votada nas eleições de 1988, Graça Cutrim assumiu o cargo na Câmara Municipal de Viana de 1989 a 1992, quando conseguiu o apoio de seus pares para aprovação do projeto de inclusão das disciplinas História e Geografia de Viana, no currículo da rede de educação municipal.

No exercício da profissão de Engenheira Agrônoma, trabalhou na AGERP-Viana, prestando acompanhamento técnico aos pequenos agricultores da zona rural do município durante nove anos, período em que esteve afastada das salas de aula.

Em 24 de maio de 2008, como coramento de sua trajetória de lutas, Maria da Graça Mendonça Cutrim tomou assento na Cadeira nº 27 da AVL, patroneada pela professora Josefina Cordeiro Cutrim.

DOM HAMLETO DE ANGELIS

1º bispo da Diocese de Viana

Luiz Alexandre Raposo

No dia 7 de janeiro de 1919 nascia na pequena Artena, região do Lácio pertencente à província de Roma, na Itália, um menino que se chamaria Hamleto. De família pobre, criado sob forte influência religiosa, o menino cresceu sonhando em ser um missionário de barbas compridas como aqueles que passavam por sua cidade.

Aos dez anos, o garoto foi encaminhado por uma freira de Caridade ao Seminário dos Missionários do Sagrado Coração, a fim de iniciar o longo caminho de estudos e preparação para se tornar um padre. Não foram poucas as dificuldades enfrentadas, pois segundo seu próprio testemunho "o caminho era árduo e exigia renúncias".

Em plena II Guerra Mundial, no dia 18 de julho de 1943, ele recebeu a ordenação sacerdotal, em Roma, aos 24 anos de idade. É do punho do próprio D. Hamleto, as palavras que seguem, lembrando o horror enfrentado no dia seguinte: "Impossível esquecer aquele 19 de julho de 1943, dia de minha Primeira Missa, quando a cidade de Roma foi, durante três horas, impiedosamente bombardeada pelos aviões aliados, semeando destruição e morte."

Três anos depois, em março de 1946, era chegado o momento de partir para trabalhar no Brasil, concretizando assim o sonho de infância de ser um missionário. A guerra havia terminado havia poucos meses e ele deixava, atrás de si, seu país e toda a Europa em ruínas. Mas "a saudade de deixar a terra natal era suplantada pela alegria de uma nova pátria que vinha ser a minha

terra por opção", conforme diria Dom Hamleto em sua 1ª Carta Pastoral, dirigida à população de Viana, quase 20 anos depois.

Em terras brasileiras, mas especificamente no Maranhão, o jovem religioso chegava para auxiliar sua Congregação que havia acabado de assumir a Prelazia de Pinheiro. E assim se passaram 17 anos de trabalhos, divididos entre Turiaçu e, mais tarde, São Luís, onde foi pároco da Igreja de Santana, até receber a comunicação de sua nomeação, pelo Papa João XXIII, como 1º bispo da Diocese de Viana.

Sagrado bispo em 14 de julho de 1963, aos 44 anos, Dom Hamleto iniciou a preparação para aquela que seria sua última missão: velar pelas almas de uma nova Diocese imensa e populosa e de pouquíssimos operários para ajudá-lo na grande tarefa. Enquanto isso, em São Luís, dezenas de telegramas e cartas chegavam de Viana para lhe expressar a felicidade e as esperanças de um povo cristão carente de um novo líder.

Chegou o tão esperado dia. Naquela manhã de 4 de agosto de 1963 parecia que uma aura pairava



sobre a população de esmagadora maioria católica. Praticamente nada abalara o fervor religioso do povo vianense que, duas décadas antes, havia impressionado de tal forma o arcebispo de São Luís, Dom Carlos Carmelo, que o fez sugerir ao Vaticano a criação de uma diocese em Viana.

A cidade inteira se preparara para aquele momento histórico e solene: praticamente todas as residências e casas comerciais haviam sido pintadas e durante mais de um mês várias equipes trabalharam incansavelmente na organização da recepção ao seu primeiro bispo. Foi uma festa de genuína alegria cristã que jamais será esquecida por quantos a testemunharam.

Preocupando-se principalmente com a educação dos jovens vianenses e com a pobreza da população espalhada pelos campos, povoados e demais cidades da Diocese, Dom Hamleto arregañou as mangas para enfrentar os novos desafios. Eram tempos difíceis. Não havia telefones nem estradas permanentes ligando os municípios, o que tornava as viagens demoradas e cansativas. Mesmo com a saúde debilitada, pois desde Turiaçu sentira os

primeiros sintomas da terrível doença que lhe roubaria a vida, ele percorreu todos os cantos da Diocese, alcançando até as ovelhas mais dispersas do imenso rebanho.

Após acatar a decisão do Conselho Paroquial de Viana que elegeu a criação do curso normal como prioridade nº 1 para a cidade, Dom Hamleto buscou ajuda financeira no exterior, inclusive na Itália, para custear a fundação da Escola Normal N. S. da Conceição (atual Centro de Ensino Médio). Seu objetivo era ampliar a perspectiva de formação da juventude local, visto que naquela época Viana contava apenas com quatro escolas do ensino primário e o então recém-fundado Ginásio Professor Antônio Lopes. O religioso almejava também formar professores cristãos que pudessem atuar como apóstolos tanto em sala de aula como no seio de toda a coletividade.

Com a saúde seriamente comprometida em pouco mais de três anos de trabalhos e peregrinações, o bispo precisou retornar à Itália em busca de melhor tratamento para a leucemia já diagnosticada pelos médicos. Não mais retornaria para pastorear seu rebanho, falecendo, em Roma, no dia 25 de fevereiro de 1967, aos 48 anos de idade.

Em seu leito de morte, depois da abençoar a Escola N. S. da Conceição, através de uma fotografia, pronunciou suas últimas palavras: "Ofereço minha vida para Viana... só o que Deus quer..."

A AVL prestou assim merecido reconhecimento à memória de Dom Hamleto de Angelis ao oficializá-lo como um de seus patronos.

O mito do homem que virava porco

Luiz Alexandre Raposo

Como toda cidade interiorana, Viana tinha suas lendas e crendices populares que enriqueceram o imaginário coletivo local ao longo dos últimos dois séculos e meio. Entre tantos relatos, passados de geração a geração, casos envolvendo assombrações noturnas eram os mais frequentes, talvez motivados pelo prolongado período no qual a cidade viveu mergulhada na escuridão das noites ainda sem iluminação elétrica.

Era muito conhecida, por exemplo, a história da procissão dos mortos que saía do cemitério em direção às igrejas, altas horas da noite. E sempre havia o testemunho de alguém que jurava ter visto passar a tal procissão dos finados, iluminada por centenas de velas. Falavam ainda do caso de uma inadvertida senhora que ingenuamente abriu a janela para ver a procissão, quando então recebera a incumbência de guardar uma vela, a pedido de um dos passantes.

Na manhã seguinte, a mulher sentiu arrepios ao encontrar um lúgubre pedaço de osso humano sobre o móvel da sala onde havia colocado a vela.

Outras crendices davam conta das figuras horripilantes da Manguda e da Caipora que vagavam pelas ruas e congelavam de medo as pessoas que cruzassem seus caminhos. Ou ainda o barulho assombroso da carruagem da Ana Jansem, que muitos diziam ouvir, passando apressada sobre as pedras das ruas para quebrar o silêncio das noites de sextas-feiras.

O mito do vira porco – De todas, porém, a lenda urbana do homem que virava porco era a que mais instigava a imaginação vianense até a segunda metade do século XX. Nada de vampiro ou lobisomem, mas sim um porco preto, enorme e assustador, à espreita daqueles que se aventuravam vagar sozinhos pela cidade depois da meia-noite.

Por décadas a fio, geração após geração, os tipos esquisitos ou solitários da cidade eram sempre apontados como “viradores de porcos.” Entre tantos suspeitos, destacaram-se em épocas distintas: Pereira Capão, um senhor que residia na casa cor de rosa; Marcos, carroceiro negro que morava na Rua João de Parma; e Zé de Dadá que morava com as duas irmãs na Coronel Campelo. O mais famoso, entretanto, foi o negro estivador Raimundo João Escobar, que morava sozinho numa choupana de palha lá pelas bandas do antigo Ciroula.

O fenômeno sobrenatural realizava-se, segundo diziam, à meia-noite das sextas-feiras. Após a “transformação”, aproveitando-se da escuridão noturna, o homem-porco enfurecido atacava qualquer transeunte incauto que encontrasse pelo caminho. E não foram poucas as vítimas que escaparam desses ataques para relatar depois a fantástica experiência. O conhecido Benedito Gonçalves (avô do atual prefeito de Viana) foi um deles. Contava ele que certa noite, ao voltar para casa, depois de um jogo de cartas na residência do comerciante Lino Lopes, sob a tênue claridade da lua vislumbrou um porco preto, parado, no famoso Canto de Seu



Gêgê. Desconfiado e sem tirar os olhos do animal, continuou caminhando, pois precisava dobrar a esquina para chegar em casa. Foi nesse momento que o porco investiu contra ele que não teve outra alternativa senão a de correr até alcançar o portão de sua residência, livrando-se assim do ataque do estranho animal.

Cultura nacional – Pesquisas realizadas dão conta de que a lenda do homem porco remonta ao período da colonização. Trazida pelos portugueses e recebendo aqui o reforço dos negros escravos (visto que tal superstição também existe no continente africano), a crença inseriu-se fortemente na cultura popular de algumas regiões brasileiras.

No interior do Pará, por exemplo, nas cidades de Breves, Bagre, Melgaço, Curralinho e São Sebastião da Boa Vista é forte a crença nos homens que viram porco. Em São Paulo, algumas cidades como Adrelândia e Taubaté igualmente acalentam o mesmo mito. Até uma fotografia do bicho foi publicada pelo Correio Paulistano de 28/05/1950, na sua página “Correio Folclórico”. Segundo o jornal, a foto foi feita durante uma aparição do horrendo animal no cemitério da cidade paulista de Botucatu, em 1947. O tal “lobisomem” da foto tem cabeça de porco, a parte traseira mais alta que a dianteira e destaca-se entre as cruzes dos túmulos.

Em outras localidades do interior do país acredita-se que, além de lobo ou porco, a mítica metamorfose pode fazer o indivíduo adquirir também as formas de cachorro, bezerro, burro ou bode. O ponto em comum é que todos são de cor escura e normalmente possuidores de grandes garras para atacar e ferir as pessoas.

Poderia ser esta a explicação para a enigmática história do cidadão Raimundo Pimenta, falecido em 1925, vítima do ataque de um bode preto, quando retornava ao lar tarde da noite. O caso foi registrado “com as devidas reservas” por Travassos

Furtado em seu livro de memórias Minha Vida, Minha Luta, sob o título “O bode do Pimenta”. Detalhe: o fato aconteceu na mesma esquina do Seu Gêgê (cruzamento da Coronel Campelo com a atual D. Hamleto de Angelis), onde anos mais tarde, em situação semelhante, Benedito Gonçalves sofreria o ataque do porco.

Quem herda a maldição – São vários os fatores determinantes que acarretam a maldição para a pessoa se transformar em porco, cachorro, bode etc. Entre tantos fatores catalogados pelos institutos folclóricos, destacam-se os seguintes: ser o primeiro ou o último de uma série de sete filhos; o sétimo filho de um casal que só tinha fêmeas; filho de incesto, no qual se incluem as comadres; homem cheio de maldade que nunca fez o bem; permanecer durante dez anos sem confissão ou comunhão ou sem molhar os dedos em água-benta; ter sido amaldiçoado por pais ou padrinhos; nascer no dia 12/12 às 24 h.; ou ainda por vontade divina como castigo ou penitência.

Para anular a maldição é necessário ser batizado pelo irmão mais velho ou pelo do meio, o quarto, e receber, na pia batismal, o nome de Bento ou Custódio.

Rituais da metamorfose – Em primeiro lugar, a pessoa procura uma encruzilhada, galinheiro, chiqueiro ou se coloca debaixo de uma goiabeira. Ali, depois de despir-se, deve dar sete nós na camisa e urinar em cima, esconjurar pai, mãe, padrinho, madrinha, o nome de Deus e de Nossa Senhora; ou então colocar a camisa sobre cascas de mariscos do mar e sobre ela rebolar; também pode dar cambalhotas, recitando palavras mágicas. Tudo isso deve ser feito sob os raios da lua.

A ocasião propícia à metamorfose, em algumas regiões, pode ser qualquer dia da semana, exceto sábados e domingos. Outras

localidades possuem datas mais específicas como na noite de quinta para sexta-feira santa ou durante toda a Quaresma. Algumas outras indicam o dia 13 de qualquer mês. A maioria, entretanto, aponta as sextas-feiras, em especial a primeira de cada mês, mas que seja de lua cheia ou quarto-minguante.

Dizem ainda que o bicho se alimenta de fetos, crianças pagãs, cadáveres, carniça e excrementos de outros animais. Para ser ferido de morte, é preciso acertá-lo no dedo mindinho do pé com bala benta ou lambuzada de cera de vela de altar.

Na Viana atual quase não se houve mais falar em histórias de homens que viram porcos. Perderam-se no tempo as noites escuras e misteriosas que estimulavam a criação de mitos. A luz elétrica e principalmente o movimento noturno de carros e motos, hoje, devem afugentar qualquer animal mal-intencionado das ruas.

Pode ser também que com o alto preço da carne, os porcos e bodes pretos da atualidade vivam escondidos com medo de serem pegos e virarem churrasco no final de semana.

ASSINATURA ANUAL DO RENASCER

Para se tornar assinante deste periódico, basta depositar o valor de R\$ 30,00 (trinta reais) na conta corrente da AVL, no Banco do Brasil.

Nº da conta: 13.365 – 5
Nº da agência: 2972 – 6

Depois envie uma mensagem para luiz.raposo@uol.com.br comunicando a data do depósito, o nome e o endereço completos do depositante (sem esquecer o Cep).

Dessa maneira, seu exemplar será enviado, trimestralmente, via correio.

Aos já assinantes que desejem **renovar a assinatura**, o processo é o mesmo. Não esqueça, porém, de passar a mensagem comunicando a data do depósito.

No ato da renovação, não é necessário comunicar o endereço do depositante (a não ser que tenha havido alguma mudança).